

Resultado dos estudos de impacto junto aos produtores do hemisfério sul da ação Comércio Justo desenvolvida há 25 anos por Artisans du Monde

Porque um estudo de impacto ?

Era uma vez uma excelente idéia... : Artisans du Monde !

Em 1974, no mundo da solidariedade internacional, Artisans du Monde inovou começando a estabelecer relações de Comércio Justo com produtores artesanais do hemisfério sul.

Tratava-se na prática, de constituir uma alternativa para a ajuda ao desenvolvimento e aos mecanismos do comércio internacional, instaurando uma relação de longo prazo com produtores do sul, baseada numa remuneração justa de sua produção e com a possibilidade de desenvolverem-se através do produto de seu trabalho.

Mais de 25 anos depois, o movimento Artisans du Monde reúne 3000 voluntários, 112 associações locais, 90 lojas e tem ligação com mais de 100 organizações de produtores, das quais vários produtos alimentares e artesanais são comprados principalmente através da central de compras Solidar'Monde.

Um sucesso que resulta num questionamento

Porém, será que sabemos quais são os reais efeitos do Comércio Justo? Quais são as mudanças positivas ou negativas que o Comércio Justo ocasionou nos produtores, suas famílias e seu círculo de relações?

Um estudo de impacto que não é uma fiscalização...

Para responder a esse questionamento, veio a idéia de realizar um trabalho aprofundado, com o objetivo de identificar o impacto do Comércio Justo nos produtores do Sul. Não cabia aqui verificar se os produtores preenchiam os critérios do Comércio Justo, mas definir o que mudou em suas vidas através da relação de Comércio Justo construída com Artisans du Monde, desde, em alguns casos, há mais de 20 anos.

... conduzido por voluntários ligados a profissionais

Esse estudo mobilizou muitas pessoas.

Numa primeira fase um estudo externo foi realizado por especialistas independentes. Este estudo permitiu definir e validar o método utilizado e chegar às primeiras conclusões.

Em seguida, oito voluntários do movimento foram treinados com esse método para dirigirem-se aos produtores, estabelecendo com eles um diálogo e uma análise do impacto do Comércio Justo em suas vidas. Estes voluntários foram acompanhados no local por especialistas do Sul que conheciam o meio e o idioma.

O envolvimento de voluntários e profissionais propiciou o cruzamento de diferentes visões entre pessoas do movimento Artisans du Monde e pessoas de fora, podendo assim tirar conclusões compartilhadas por todos.

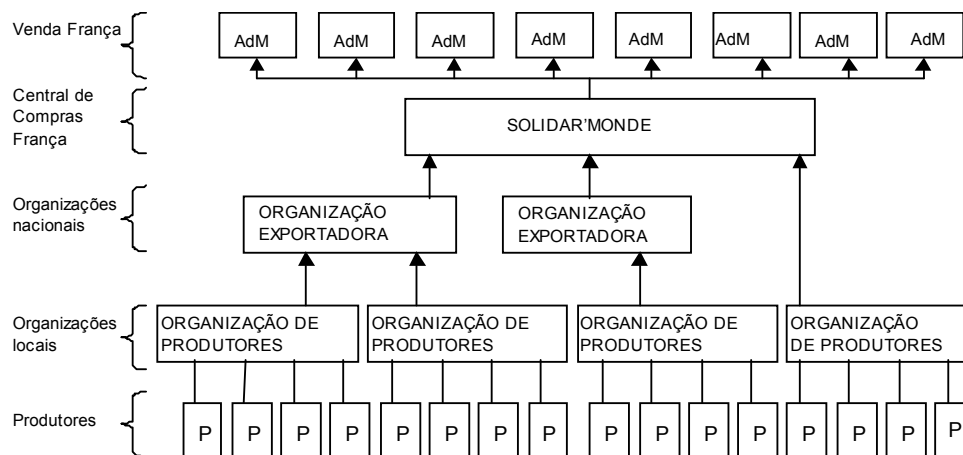
Para conhecer melhor os produtores de artesanato e construir as bases de um novo modo de relacionamento

O estudo envolveu apenas produtores de artesanato, já que anteriormente, outras organizações haviam realizado pesquisas sobre os produtores de gêneros alimentícios.

Ao longo deste estudo, cerca de 500 pessoas em 9 países ligadas a 16 parceiros de Artisans du Monde, foram contatadas: artesões e suas famílias, assalariados de organizações de produtores, autoridades administrativas etc... Os voluntários puderam conhecer melhor, os artesões e o ambiente em que vivem.

Enfim, além do estudo do impacto, a finalidade de tal trabalho foi constatar, na prática, como o movimento Artisans du Monde pode desenvolver relações benéficas com os produtores além da mera relação comercial.

Os produtores do hemisfério sul, de quem falamos ?



Os produtores do artesanato comercializado por Artisans du Monde são todos artesões, apesar do termo designar estatutos bem diversos, cujos dois extremos são:

- pessoas em situação de extrema pobreza, grande vulnerabilidade (miseráveis, meninos de rua...) quase sempre mal qualificadas, de longe em maior número nos parceiros de Artisans du Monde,
- artesãos profissionalizados, na maioria das vezes bem qualificados e proprietários de um instrumento de produção (pequenos fabricantes, artesãos por tradição familiar..), que são poucos.

Estes produtores trabalham em contextos muito variados:

- empresas privadas como a firma Armus no Chile que fabrica instrumentos musicais para Comparte,
- oficinas familiares, como a família Vertudez por exemplo, que produz caixas de papel machê para Saffy. Estas oficinas são reunidas às vezes em organizações cuja função é basicamente gerir a distribuição das encomendas e juntar a produção como faz, por exemplo, o grupo de Katalia Mahila Shomitee cujos membros fabricam à domicílio redes para Corr The Jute Works.
- organizações coletivas de produção como a oficina de produção de objetos de couro no centro dos deficientes físicos de Koupela,
- oficinas integrando organizações exportadoras, como a oficina de acabamento de ACP em Kathmandu que trabalha no acabamento de produtos e na fabricação de almofadas.

Esta diversidade faz com que vários produtores sejam assalariados, outros pagos por empreitada e alguns sejam seus próprios patrões.

Estes produtores recorrem com freqüência à organizações de nível nacional (empresas, federações, ONG...) que desempenham o papel de

interface com as centrais de compras do hemisfério norte. Essas organizações exportadoras têm como funções essenciais, receber encomendas, distribuí-las entre os produtores ou organizações de produtores, centralizar produções e finalmente exportar.

Essas organizações participam do treinamento profissional dos produtores e fornecem matérias-primas ou ainda podem pagar adiantamentos aos produtores.

Geralmente, essas organizações realizam programas sociais (como acesso aos tratamentos de saúde, ajudas emergenciais etc...) junto aos produtores, porém sua situação financeira faz com que a maioria desses programas esteja paralisada há alguns anos.

Solidar' Monde está em contato direto com organizações exportadoras e com algumas organizações de produtores, em situação de vulnerabilidade, que exportam diretamente.

São os responsáveis dessas organizações que participam dos "Fins de Semana com Produtores" e também de outros encontros organizados na França.

O artesanato no Sul, que artesanato?

Os produtores trabalham em casa ou ainda em oficinas de produção geralmente pouco mecanizadas.

Elaboram produtos provenientes de sua tradição (pullovers bolivianos com motivos andinos), outros produtos que misturam tradição e técnica importada (cerâmicas do grupo de Bhaktapur de ACP) são inspirados por técnicas tradicionais, mas com novo design e às vezes produtos totalmente novos (móveis de madeira pintada, produzidos na Filipinas) que não vêm de nenhuma tradição local.

As mudanças que o Comércio Justo causaram nos produtores

Um preço justo ou uma renda constante?

Comparando os estudos realizados com os artesãos das dezesseis organizações encontradas, parece que a questão do preço justo não está sempre no centro da relação de Comércio Justo.

Na realidade, está claro que os preços pagos pelo CE ultrapassam geralmente os preços médios do mercado local, na exportação a situação é diferente. A maioria das organizações exportadoras que conjugam vendas no ramo do Comércio Justo e no do comércio convencional, pratica em ambos os casos, os mesmos preços na exportação. Portanto, os produtores recebem o mesmo valor qualquer que seja o destino da produção exportada.

No entanto, pelo fato da importância e da regularidade relativa das encomendas, o Comércio Justo possibilita aos produtores acesso a uma renda que com frequência não atingiam antes, ou em todo caso não tão regularmente.

Para os produtores mais pobres :

.... o acesso à uma profissão

Deficientes físicos, miseráveis, mulheres, muitas pessoas raramente possuem ou não tem acesso algum à atividades profissionais e conseqüentemente à uma renda. A escassez de trabalho e sua incompatibilidade com a situação ou a qualificação dessas pessoas geram situações de pobreza, às vezes extrema, com exclusão social nas famílias mais carentes (famílias monoparentais, viúvas, ...).

Uma das mudanças fundamentais que traz o Comércio Justo é fornecer à essas pessoas uma profissão, uma atividade remunerada compatível com sua situação: trabalho por empreitada à domicílio que permite conciliar atividade produtiva e atividade doméstica, por exemplo.

O ganho conseguido é geralmente superior ou igual às remunerações em outras atividades (agricultura, por exemplo), ou na produção artesanal para o mercado local. Mas de qualquer forma, as alternativas de trabalho são raras.

... a possibilidade de assumir o mínimo vital

Esta renda, a qual não tinham frequente acesso, lhes possibilita assumir parte das despesas de primeira necessidade da família tais como alimentação, vestuário, habitação e muitas vezes a escolarização dos filhos, vindo complementar as outras rendas familiares. Especificamente, a escolarização das meninas é facilitada pelo acesso a renda pela população feminina.

... e assim resgatar sua dignidade

Exercer uma atividade, produzir para exportação, administrar uma renda, contribuir com a renda familiar, encontrar-se em organizações, permitem a estas pessoas, em situação de exclusão, uma reinserção e um resgate da dignidade.

Em Bangladesh mulheres mudam de estatuto

As mulheres do Panjora Mahila Shomitee que produzem objetos de juta explicaram o impacto dessa renda na relação com o marido - "antes nós pedíamos até 2 takas (0.04 €) aos homens, agora são eles que nos pedem dinheiro" - na capacidade de atuação - "as próprias mulheres saem para comprar os sáris" - e no estatuto - "o divórcio unilateral por repúdio deixou de ocorrer na aldeia".

Para os produtores profissionais,

... novo mercado, novas rendas

Artesãos tradicionais, pequenas empresas... o setor artesanal é rico em produtores que trabalham e vivem da atividade artesanal, independentemente do Comércio Justo: produtores de instrumentos musicais de Madagascar, ceramistas Bangladeshis ou Chilenos....

Para estes, o acesso ao mercado de Comércio Justo lhes possibilita diversificação e aumento substancial da renda pelo acesso às encomendas importantes e constantes, ao invés de depender de um escoamento local muitas vezes aleatório, ou de intermediários raramente bem organizados.

... e a possibilidade de investir

Esses artesãos que já possuem recursos necessários para garantir o mínimo vital, podem então investir a renda do Comércio Justo. Assim, conseguem desenvolver a oficina ou ainda diversificar a atividade, investindo em outras áreas e conseqüentemente, desenvolver uma rede de produtores artesanais.

Uma história de sucesso : a empresa Armus no Chile

Em Santiago do Chile, dois irmãos criaram no ponto alto da crise econômica em 1983, uma pequena oficina de marcenaria, com as encomendas e adiantamentos de organizações exportadoras do Comércio Justo (Fondation Solidarité e Comparte), puderam investir em máquinas-ferramentas, e em locais para se desenvolver em tal ponto que hoje, a firma emprega cerca de dez pessoas e comercializa mais de 90% de sua produção no comércio convencional nacional.

Para todos os artesãos : a profissionalização

Uma outra mudança provocada pelo comércio justo nos produtores é a profissionalização. Na realidade, a produção para o Comércio Justo implica em ajustar-se às condições do mercado de exportação: atendimento às modalidades de execução, adaptação à novos designs, ocasionalmente acesso à treinamentos que contribuem ao aperfeiçoamento das competências técnicas dos artesãos.

No Nepal, miseráveis inovam.

Em Palpa, a ACP está em contato com uma empresa criada por miseráveis, que produz objetos de cobre - uma produção tradicional da região. A ACP os apóia na procura de inovações técnicas, associando materiais para melhor se adaptar ao mercado. Assim, inovam na área tecnológica e do design; uma das últimas criações é uma gaiola de pássaros que une cobre e barro.

E a valorização das pessoas

Novas competências técnicas, rendas acrescidas, encomendas constantes, contatos com pessoas estranhas ao ambiente, produtos exportados... todos estes elementos contribuem ao reconhecimento e à valorização dos produtores, tanto em relação a si próprios quanto a seu círculo de relações.

Em Burkina Faso : deficientes físicos desempenham um papel em suas famílias

O centro de deficientes físicos de Koupela, produz objetos de couro e tecelagens que são comercializados principalmente na rede Artisans du Monde. Os membros do centro testemunham sobre a oportunidade que tiveram em trabalhar, produzir e ganhar uma renda que lhes permita existir. Enquanto um deles declara que a melhor coisa que o centro lhe trouxe foi poder ter assumido as despesas do enterro de seu pai, do qual é o filho mais velho, a maioria dos membros do centro pôde casar, ter filhos e assumir o encargo de família o que, segundo eles, "não tem preço".

O desenvolvimento de laços sociais locais

Produzir, capacitar-se, gerir recursos, administrar encomendas, levam os produtores a desenvolver e aprofundar as ligações com seu círculo de relações. Isso é particularmente claro dentro das organizações de produtores existentes. Essas organizações conduzem seus membros a deixar a rede de relações familiares para constituir redes mais amplas, com novos desafios que os levam então a desenvolver novas competências de gestão, negociação, intermediação etc..

Bolivia : "antes disso éramos tão tímidas"

Cerca de vinte mulheres membros do grupo Kory Ampara (Bolívia) produzem pulôveres de alpaca, comercializados, sobretudo, na rede Artisans du Monde. Há 15 anos elas se reúnem com regularidade (duas a quatro vezes por mês) e

apesar de serem oriundas de bairros e meios sociais diferentes "aprenderam a viver juntas" e administrar conflitos, lucros e as vezes, a falta de encomenda! Além disso, beneficiadas com a produção, as mulheres do grupo são hoje reconhecidas e até admiradas no bairro e solicitadas por outros grupos de mulheres para interferir em outros movimentos.

Organizações exportadoras fortes e competentes

Enfim, Artisans du Monde contribuiu para desenvolver organizações exportadoras que são hoje interfaces entre os produtores e as associações e entre as centrais de compras do hemisfério norte.

Essas organizações exportadoras contam hoje com recursos humanos bem treinados, meios materiais (fundos próprios, capital imobiliário) e redes de relações no norte e no sul. Dispõem hoje de reais capacidades de iniciativas e poder suficiente para atuar no próprio espaço social e econômico.

Muitas delas vêm desenvolvendo suas próprias oficinas de produção. Assim, visam reforçar a posição no mercado, podendo adaptar com rapidez quantidade, design e qualidade, de acordo com as encomendas.

Procuram diversificar seus mercados a partir de uma posição no Comércio Justo, quer contatando as centrais de compras de grandes redes de vendas como a IKEA ou The Body Shop, quer desenvolvendo sua capacidade de produção para o consumo nacional (licitações públicas, mercado artesanal local etc..)

A Fundação Solidariedade no Chile

A Fundação Solidariedade foi criada no início dos anos 90 pelo Vicariato da Solidariedade, para assumir o apoio e a comercialização dos grupos de produção artesanal que foram criados depois do golpe de estado de 1973. A Fundação tem hoje um faturamento de 300.000 euros, dos quais 60 % no comércio justo. Ela emprega 7 assalariados e trabalha com 84 oficinas que reúnem 449 produtores. Há vários anos, o faturamento e o número de beneficiados da Fundação está em baixa por falta de mercados. A Fundação completou sua ação procurando penetrar no mercado local para uma nova qualificação e dinamização das oficinas. Esta estratégia ajudou a Fundação a ganhar licitações do Ministério da Educação para produção de jogos infantis, e bonecas sexuadas utilizadas em aulas de educação sexual.

Esta política atribui à suas oficinas acesso à novos mercados e conduz os produtores a desenvolverem novas técnicas e novos know how.

O comércio justo: mudanças e questionamentos

Mudanças significativas :

O Comércio Justo permite aos produtores aumentar ou segurar seus recursos individuais e familiares.

- Os produtores em situação de vulnerabilidade podem assim ter acesso aos produtos de primeira necessidade e/ou escolarização dos filhos.
- Os produtores mais profissionalizados já instalados, podem assim investir nas ferramentas de produção.

Por outro lado, o comércio justo propicia aos produtores o crescimento de suas competências, a valorização social e profissional e o desenvolvimento de suas relações sociais.

Enfim, o comércio justo favoreceu o desenvolvimento de organizações influentes, fortes, competentes e reconhecidas que invadiram o mercado convencional.

E questionamentos :

Que mudanças o Comércio Justo produz em termos de desenvolvimento local?

As mudanças significativas que a ação de Artisans du Monde traz à vida dos produtores não parecem mostrar resultados no âmbito do desenvolvimento de dinâmicas locais, dos vilarejos e bairros dos produtores.

Com raras exceções, observamos uma falta de conexão entre o ramo do comércio justo e as dinâmicas econômicas e sociais das políticas locais. Os produtores dedicam aparentemente o essencial de sua energia na produção e nas relações que eles desenvolvem dentro do ramo do Comércio Justo.

Várias razões podem explicar isso:

- Os produtores mais necessitados têm pouco tempo, competências e meios necessários para envolver-se em dinâmicas locais. O objetivo é a sobrevivência; o Comércio Justo os ajuda a sobreviverem não lhes permitindo porém ir além disso.
- A relação com o Comércio Justo não propicia que alguns produtores se arrisquem ou inovem. O fato de ter um contrato moral com AdM / S'M que garanta (apesar de fracas encomendas) preços e mercados certos e sustentáveis, pode provocar um efeito anestésico nos produtores, que os fatores sociais e culturais nos mais desfavorecidos podem reforçar.
- As organizações de produtores saem pouco consolidadas de sua integração no ramo do comércio justo.

Elas são direcionadas para a função de produção e desempenho, essencialmente no papel de interface entre, de um lado os

produtores e as organizações exportadoras e de outro lado, de gestão das relações dentro do grupo. Essas organizações desenvolveram poucas competências próprias.

Essa constatação é de tal forma importante que a transformação do mercado do artesanato no norte (diminuição da procura, aumento das exigências dos consumidores, evolução rápida dos gostos e conseqüentemente mudanças de linhas de produtos, endurecimento das normas européias etc...) arrisca levar as centrais de compras do Comércio Justo no Norte a privilegiar a relação com as organizações exportadoras capazes de produzir produtos de qualidade, variados e inovadores.

Isso então não arrisca comprometer a continuidade das encomendas aos produtores? Privilegiar a relação com os artesãos mais competentes, que possuem condições para inovar e adaptar-se rapidamente a novos modelos, em detrimento dos produtores mais vulneráveis? Marginalizar os artesãos em situação de vulnerabilidade?

Porém o comércio justo pode tudo mudar ?

Notamos que o comércio justo possibilita melhorar no âmbito econômico a vida do produtor, suas competências profissionais, sua auto-estima, permitindo-lhe desenvolver suas relações sociais a nível local. No plano pessoal, essas mudanças são muito significativas.

No entanto, observamos que essas transformações envolvendo pessoas, raramente se traduzem por dinâmicas coletivas de desenvolvimento: pouca ou nenhuma instalação de projetos coletivos, baixa participação dos artesãos nas entidades locais, organizações populares, sindicatos etc... ..

Será que apenas a relação de comércio justo, pode favorecer à uma melhoria da situação individual dos produtores, indo em direção a dinâmicas coletivas de transformação social?

Quais são hoje as expectativas dos produtores do Sul em relação à Artisans du Monde ?

A principal expectativa dos produtores do sul e das organizações exportadoras junto à Artisans du Monde é ajuda-los a diversificar e aumentar seus mercados no ramo do Comércio Justo e também no ramo do comércio convencional.

Por isso, os produtores desejam:

- Serem ajudados a melhor adaptarem sua produção ao mercado

Os produtores pretendem conhecer o mercado e suas tendências, saber o que pensamos sobre seus produtos, conseguir apoios no design e querem nossa ajuda para penetrar o mercado do comércio convencional nacional e internacional

- melhorar a comunicação entre eles e nós

Os produtores, sejam eles, os responsáveis pelas organizações exportadoras, ou simples artesãos, não nos conhecem. Existe entre os próprios artesãos um desconhecimento do que seja Artisans du Monde – o que quer dizer ser voluntário, ou melhor, o Comércio Justo – e existe um enorme interesse em se informar, conhecer, dialogar e intercambiar.

- que se fique atento aos produtores mais vulneráveis

Os produtores gostariam que uma atenção especial fosse dada aos produtores mais vulneráveis (adiantamentos de pagamentos, treinamento, reaproximação dos grupos isolados) para estes que saiam desta situação. Caso isto não seja possível, várias alternativas para seu envolvimento no Comércio Justo devem ser consideradas.

- Avaliar-nos

Os produtores nos pedem ao mesmo tempo uma avaliação da eficiência e do impacto do que fazemos aqui na França. Que mudanças nosso trabalho ocasiona nos consumidores, qual é o nível de profissionalização das lojas, qual é a eficiência de nosso modo de organização... Essa avaliação poderia ser realizada por avaliadores do sul.

Hoje, em Artisans du Monde, nosso desafio ligado aos produtores, se encontra na encruzilhada dessas expectativas: manter e desenvolver o mercado para os produtos artesanais oriundos do Comércio Justo e fundamentar novamente nossas relações com os produtores.